



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação - FE

A FORMAÇÃO DO LEITOR-LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

LETÍCIA DA SILVA ROCHA DANTAS

ORIENTADOR(A): SILMARA CARINA DORNELAS MUNHOZ

BRASÍLIA/2021



Faculdade de Educação - FE

LETÍCIA DA SILVA ROCHA DANTAS

A FORMAÇÃO DO LEITOR-LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, ao curso de graduação, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB, como requisito e título de licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Professor(a): SILMARA CARINA DORNELAS MUNHOZ.

BRASÍLIA/2021

TERMO DE APROVAÇÃO

LETÍCIA DA SILVA ROCHA DANTAS

A FORMAÇÃO DO LEITOR-LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, ao curso de graduação, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB, como requisito e título de licenciada em Pedagogia.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

SILMARA CARINA DORNELAS MUNHOZ (Orientador)

NORMA LÚCIA QUEIRÓZ (Examinador)

SOLANGE ALVES DE OLIVEIRA MENDES (Examinador)

LETÍCIA DA SILVA ROCHA DANTAS (Cursista)

BRASÍLIA/2021

DEDICATÓRIA

Durante a escrita deste trabalho você chegou, deixou tudo mais emocionante e colorido, meu bebêzinho! Amo-te.

AGRADECIMENTOS

Durante todo meu processo acadêmico sempre tive pessoas que me apoiaram e é a elas que dedico meus sinceros agradecimentos.

A Deus toda glória! Toda sabedoria vem do Senhor e todo conhecimento é dado por Ele.

Ao meu esposo, que sempre esteve comigo, me escutando e apoiando nas mais variadas e criativas ideias sobre educação.

Aos meus pais que, desde o momento que entrei na UNB, me incentivaram em tudo. Essa vitória não é só minha, mas de vocês também.

A minha irmã, Giovanna, que é uma grande amiga e companheira.

Às minhas amigas, Amanda, Adriana, Larissa e Beatriz. Sem sombra de dúvidas vocês foram os melhores presentes que a universidade me proporcionou.

A professora Silmara, que foi extremamente atenciosa e sempre me ajudou no processo de escrita deste trabalho.

Soli Deo Gloria

RESUMO

Este trabalho foi feito com o intuito de compreender, a partir de estudos, a formação do leitor literário na Educação Infantil, buscando a relação entre a Infância, Literatura e Educação Infantil. Dentro desta proposta, buscou-se investigar o que os autores do campo da Educação, Literatura e Sociologia escreveram sobre o assunto, como Vygotski (2009), Gilka Girardello (2011), Reis (2020), além de observar fontes documentais, leis, portarias e projetos que garantam o acesso aos trabalhos literários desde a infância. Dessa forma, tais textos, permitiram que as reflexões fossem mais profundas e legitimadas. Ao investigar a importância da literatura na Educação Infantil, temas como criatividade, escuta ativa e narração são necessários para entender o impacto que os livros podem gerar aos pequenos. Além disso, resoluções tidas como certas foram desmistificadas. Logo, a formação do leitor-literário na Educação Infantil permite que a imaginação da criança seja expandida e sua autonomia garantida.

Palavras-Chave: Leitor-literário, infância, educação infantil e literatura.

ABSTRACT

This work was done in order to understand, from studies, the formation of the literary reader in Early Childhood Education, seeking the relationship between Childhood, Literature and Early Childhood Education. Within this proposal, we sought to investigate what authors in the field of Education, Literature and Sociology have written on the subject, such as Vygotski (2009), Gilka Girardello (2011), Reis (2020), in addition to observing laws in documental sources. , ordinances and projects that guarantee access to literary works from childhood. In this way, such texts allowed the reflections to be deeper and more legitimized. When investigating the importance of literature in early childhood education, themes such as creativity, active listening and narration are necessary to understand the impact that books can have on little ones. Furthermore, many resolutions taken for granted have been demystified. Therefore, the formation of the literary-reader in Early Childhood Education allows the child's imagination to be expanded and its autonomy guaranteed.

Keywords: Literary reader, childhood, early childhood education and literature.

SUMÁRIO

RESUMO	7
MEMORIAL	9
APRESENTAÇÃO	11
INFÂNCIAS	13
EDUCAÇÃO INFANTIL	16
LITERATURA	20
OBJETIVOS	24
ALGUMAS REFLEXÕES	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

MEMORIAL

Relembrar é sem sombra de dúvidas um dos exercícios que mais nos traz sensações: saudade, alegria, nostalgia, arrependimento e tristeza compõem a extensa lista de lembranças do passado. E é com todos esses sentimentos que começo a escrever meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Nasci em 1º de março de 1998 no Hospital Materno de Brasília. Sou filha de Jeová Quintino da Rocha e Luciene Pereira da Silva Rocha. Tenho também uma irmã mais nova, Giovanna Priscila da Silva Rocha. Em 21 de julho de 2018 minha família tornou-se eu e meu esposo, Paulo Asafe de Oliveira Dantas, homem que despertou em mim o desejo de ler mais e, por isso, tem grande influência neste trabalho.

Nasci e cresci em Brasília, mais especificamente em São Sebastião, cidade a qual amo muito e construí minha história.

Ainda muito pequena demonstrava grande interesse pelo universo escolar. Amava ir às compras de materiais escolares e me arrumar para ir à escola. Minha primeira escola foi “Cantinho Turma da Mônica”. Impossível esquecer minha professora, Esther, a qual tenho o prazer de conhecer até hoje e ser uma grande amiga. Quanto aos colegas, não me recordo muito bem, pois era muito pequena e tímida.

Aos 6 anos fui para a “Escola Classe Jardim Botânico”. Simplesmente amava aquela escola. Minhas professoras eram dedicadas e muito amorosas, os lanches inesquecíveis, fora as brincadeiras e diversões que nos eram proporcionadas. Além disso, tínhamos grande contato com a natureza, pois a escola se encontra em uma Reserva do IBAMA.

Certa vez, fomos obrigados a evacuar a escola, pois houve uma queimada na reserva e estávamos em um local de risco. Tal episódio me deixou profundamente triste. Não queria que os animais morressem e que tivéssemos que faltar aula.

Aos 8 anos fui para “Escola Fundamental Paraíso” e minha maior recordação dessa época são as aulas e campeonatos de ginástica rítmica que participei. Aos 9, mudei mais uma vez de escola, indo para a “Escola Master”. Estava cursando o 5º do Ensino Fundamental, era uma menina de poucos amigos, porém sempre confiei nos que tinha.

Aos 10 anos, eu e minha família nos mudamos para Goiânia, cidade em que fiz amigos para toda a vida. Lá estudei até o 2º ano do Ensino Médio no “Colégio Planeta”. Assim como a maioria das escolas de Ensino Médio, a minha focava bastante no vestibular e Enem, lembro-me de entrar às sete horas da manhã e sair às cinco da tarde. Não foram anos fáceis, muita

pressão e ansiedade para passar em uma prova. Ao final de 2014 retornamos para Brasília e terminei meu ensino médio no “Colégio JK”.

Ao finalizar o Ensino Médio, não consegui passar imediatamente para a universidade. Então, durante os primeiros seis meses do ano de 2016 fiz um curso pré-vestibular. Essa foi uma época muito importante para o meu amadurecimento e desenvolvimento pessoal, apesar de não ter sido nada fácil. Tive que decidir qual curso fazer e como ele influenciaria no meu futuro. E sabe qual conclusão cheguei? Que essa não é a decisão mais importante da minha vida. Sou contente com minha futura profissão, mas ela não é tudo para mim. A Pedagogia foi a forma que escolhi para fazer parte da história das pessoas, pois essas, sim, são muito importantes para mim.

Então, em agosto de 2016 iniciei o curso de Pedagogia na Universidade de Brasília, a tão sonhada UNB. Impossível não se apaixonar por ela, por suas formas, por suas cores, seus jardins e seus personagens. Todos os meus momentos como aluna da Universidade de Brasília foram vividos com muita dedicação e honra.

A literatura sempre fez parte da minha vida, desde pequena. Ganhava livros de presente e lembro-me de lê-los por vezes. Na escola, era uma das poucas que gostava: os clássicos brasileiros, como *A Moreninha* ou *Dom Casmurro*. Porém, com o passar do tempo, principalmente no Ensino Médio, deixei as leituras consideradas “bobinhas” de lado para ler aquilo que era “importante” para o vestibular.

Até que conheci meu esposo, um leitor assíduo que, aos poucos, foi me incentivando a voltar com a leitura literária. Nessa mesma época, estagiava em uma escola particular e comecei observar a postura dos alunos e professores quanto ao livro. Comportamento este que falarei mais ao longo desse trabalho. E assim fui me apaixonando novamente pela literatura.

No curso de Pedagogia, esse era um assunto que me despertava grande interesse nas disciplinas. Quando algum professor mostrava o quanto determinada obra, literária ou não, influenciava toda uma futura geração ou como a literatura é uma grande ferramenta na formação da criança, sempre pensava: amo estudar sobre isso. E aqui estou, pesquisando, estudando o processo de formação do leitor-literário na Educação Infantil.

APRESENTAÇÃO

Muitas vezes, podemos pensar que o contato com a literatura formará novos leitores literários, contudo, esta não é a realidade. Muitos de nossos alunos, não desenvolvem o hábito de ler, e vêem o processo como tedioso e de pouca importância. Afinal, para que ler um livro de 200 páginas se tenho o resumo acessível a um clique. Formar um leitor é formar um cidadão independente, que pensa por si só.

Durante minha trajetória acadêmica, cresci como aluna mas, principalmente, como ser humano, e tal crescimento é fruto das leituras e discussões em sala de aula. Por diversas vezes, os conteúdos das disciplinas vinham com uma extensa lista de leituras necessárias. Alguns textos eram considerados mais cansativos e monótonos, já outros eram aclamados e admirados, o que levava à troca de experiências e reflexões.

Em contato com a Educação Infantil pude perceber que esse mesmo movimento acontece. Contudo, ao invés de textos acadêmicos temos a literatura infantil que contribui para a formação da criança como ser. Quando ela descobre uma nova história, descobre a si mesma e ao mundo a sua volta. Por isso a importância de formarmos leitores-literários.

O objetivo desse estudo é compreender, a partir de estudos, a formação do leitor literário na Educação Infantil, buscando a relação entre a Infância, Literatura e Educação Infantil.

Volto minhas memórias aos dias que estagiava em uma escola e percebo como o universo literário permeava as conversas, brincadeiras e, principalmente, a construção de histórias pelas crianças. O professor, a história e o aluno são os elementos básicos para se formar um leitor literário. Por meio desse Trabalho de Conclusão de Curso, faço o exercício de compreender uma pequena parte dos estudos sobre este assunto.

Os textos lidos para este trabalho permitiram que minhas reflexões fossem mais profundas e legitimadas. Além disso, resoluções tidas como certas em minha mente foram desmitificadas. Afinal, esse é o processo de ensino-aprendizagem que tanto estudei ao longo do curso, no qual construções e desconstruções foram feitas.

Primeiramente, refleti sobre as diversas infâncias e como esse conceito foi construído ao longo dos séculos. Assim, não podemos afirmar uma única definição de infância, mas, sim, uma construção de ideias, leis, ações que formam as infâncias atuais. Apesar disso, as infâncias possuem um ponto em comum: a brincadeira. E a partir das leituras pude identificar que a

literatura e a cultura de pares são essenciais para a brincadeira, pois enriquecem seu contexto e trazem novas experiências para as crianças.

Consegui perceber que a Educação Infantil é o início de uma inserção mais vertical na cultura, é o espaço em que as crianças pequenas terão contato com outras culturas e costumes, e a principal forma de ocorrer essa apropriação é a partir da leitura da Literatura. Partindo desse pressuposto, sublinho que a literatura é de suma importância para o homem, pois além de expandir o contato com novas culturas e novas formas de pensar, é a forma poética com a qual o homem se comunica e se expressa.

Dessa forma, a Infância, a Educação Infantil e a Literatura foram os pilares para minhas reflexões sobre a formação do Leitor-Literário nessa etapa da escolarização básica. Finalizo minha apresentação com este poema de Manoel de Barros, que mostra que as palavras também se tornam brincadeiras nas mentes criativas na infância.

Brincadeiras

No quintal a gente gostava de brincar com palavras mais do que bicicleta.

principalmente porque ninguém possuía bicicleta. A gente brincava de palavras descompadradas. Tipo assim:

O céu tem três letras

O sol tem três letras

O inseto é maior.

O que parecia um despropósito

Para nós não era despropósito. (Manoel de Barros)

INFÂNCIAS

Tendo em vista os três eixos do presente trabalho - Infância, Educação Infantil e a Literatura- explorarei o que pesquisadores, filósofos e documentos nos dizem sobre a ação de tais pontos na formação do leitor-literário.

A constituição de infância é uma ideia moderna, de acordo com Sarmento (1997). Os direitos e conquistas atribuídos a uma criança nos dias atuais são resultados de uma longa história, com muitas lutas, perdas e ganhos. Por muito tempo, para a cultura ocidental, a criança fora vista como um ser incompleto, imaturo, incompetente, dependente e vulnerável.

Durante a Idade Média, “as crianças foram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social, nem autonomia existencial” (SARMENTO,1997, p.03). Essa condição era mudada quando atingia idade para trabalhar, participar de guerras ou de reprodução. Em seu livro. “*História social da Infância e da Família*”, Phillip Ariés afirma:

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança, então, mal adquiria um desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem (...). (ARIÉS, 2012, p.10)

Do século XVI ao XVIII, começa a ocorrer a institucionalização da infância, com a criação da escola pública e se estendendo com a escola de massas, que em os professores ensinavam a dezenas ou centenas de pessoas em uma só sala. Nessa fase, temos a infância industrializada quando, por meados do século XVIII, é instituído, pela primeira vez, “a liberação das atividades do trabalho produtivo para um setor do grupo geracional mais novo (inicialmente constituído só por rapazes da classe média urbana)” (SARMENTO,1997, p.4).

Além disso, houve uma mudança no papel da criança dentro de seu contexto familiar, onde outrora ela estava sob cuidados de aias e criadas, se torna o núcleo das relações afetivas no seio familiar (SARMENTO, 1997). Tal ascendência, torna a criança e, conseqüentemente, a infância, objeto de estudo e pesquisa, contribuindo para o desenvolvimento de áreas como a pediatria, psicologia e a pedagogia.

Do século XVII aos dias atuais, temos a construção da infância de direitos e a criança como sujeito social. A criança ganha visibilidade científica e social, novos documentos são elaborados, constituindo-se como instrumentos reguladores das infâncias. Integram essas iniciativas a Convenção dos Direitos da Criança, além das agências

internacionais, tais como: o Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e Organização Mundial de Saúde (OMS).

Dessa forma, vemos uma grande diversidade de infâncias, com peculiaridades de sua época. E, mesmo dentro de cada recorte histórico, há diversas infâncias. Há as infâncias brasileiras que se engendram na diversidade que o país apresenta, a infância europeia, a infância indígena e outras muitas infâncias. Por esse motivo, não defendemos uma definição homogênea de Infância, mas sim Infâncias, no plural.

Contudo, mesmo havendo diversas infâncias, a brincadeira é um elemento que está presente em todas elas. Borba (2009) afirma que

o brincar é um dos pilares da constituição das culturas da infância, compreendidas como significações e formas de ação social específicas que estruturam as relações das crianças entre si, bem como os modos pelos quais interpretam, representam e agem sobre o mundo (BORBA, 2009, p.46).

A brincadeira rompe os limites das fronteiras, é um elemento atemporal, possuindo apenas algumas diferenças regionais, o que caracteriza sua diversidade. Um exemplo são as brincadeiras de roda, presente em várias culturas, contudo, as músicas e danças que a compõem variam de acordo com a cultura.

O brincar é uma experiência recriada a partir do que a criança traz de novo, com o seu poder de imaginar, criar e reinventar. Vygotsky em seu artigo: “A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança” (2008), nos mostra que a brincadeira não pode ser definida como um momento de satisfação para a criança, mas deve ser entendida como uma realização concreta de seu imaginário.

O brincar é tão importante para o desenvolvimento da criança que adquire um status legal. O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA garante, em seu art. 16, parágrafo IV o direito de “brincar, praticar esportes e divertir-se” (BRASIL, 1990). Logo, brincar é um direito de toda criança e que deve ser garantido às diferentes infâncias.

Uma brincadeira pode ser passada de geração para geração, de pais para filhos, porém há, também, as modificações ou criações de novas brincadeiras entre as crianças. No brincar, os pequenos irão produzir cultura, constituindo-se como protagonistas de suas experiências, criando regras de convivência, sendo livres para organizar suas ações e interações. É o momento que as crianças constroem conhecimentos e vivem relações sociais específicas, repletas de valores e significados.

Corsaro (2011) define essa interação como *cultura de pares*, isto é “um conjunto de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na interação com seus pares” (p.128). Ainda a despeito desse assunto, Sarmento (1997) aponta que

A cultura de pares permite às crianças apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia. A convivência com os seus pares, através da realização de atividades e rotinas, permite-lhes exorcizar medos, representar fantasias e cenas do cotidiano, que assim funcionam como terapias para lidar com experiências negativas. Esta partilha de tempos, ações, representações e emoções é necessária para um mais perfeito entendimento do mundo e faz parte do processo de crescimento (SARMENTO, 1997, p.14).

O brincar, o “faz-de-conta”, as danças e músicas compõem a cultura de pares, onde podem reproduzir e experimentar a “vida real”. É nesse momento que as brincadeiras de “casinha”, “mamãe e filha”, “médico”, entre outras, proporcionarão “conhecimento e competências necessárias para participar no mundo adulto” (CORSARO, 2002, p. 114). De acordo com o autor, não é uma ação meramente imitativa mas, sim, de apropriação do mundo adulto. Ampliando essa compreensão, Corsaro (2002) destaca:

No entanto, a produção da cultura de pares não se fica nem por uma questão de simples imitação nem por uma apropriação direta do mundo adulto. As crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir sua própria cultura de pares. Tal apropriação é criativa na medida em que tanto expande a cultura de pares (transforma a informação do mundo adulto de acordo com as preocupações do mundo dos pares) como simultaneamente contribui para a reprodução da cultura adulta (CORSARO, 2002, p.114).

Logo, a infância de cada criança está relacionada à cultura de suas sociedades, porém, é perceptível que, entre seus pares, há uma subcultura, ou seja, as culturas das infâncias. Estas são norteadas, principalmente, no brincar e no sonhar. A cultura das infâncias mostra que este grupo geracional apresenta certa autonomia dos adultos e de suas histórias. Sarmento (1997) nos traz essa definição de forma bem mais clara, quando diz que as culturas das infâncias possuem uma certa “universalidade”, ou seja, por mais que ela pertença a uma cultura específica, “elas contribuem ativamente para a construção permanente das culturas da infância” (p.12).

Ao pesquisar sobre infâncias temos uma multiplicidade de conceitos e visões sobre esta fase da vida, sendo composta por diversas minúcias. Entender as infâncias e o brincar

nos ajuda a compreender a importância da literatura, pois quando a criança tem a oportunidade de conhecer novas histórias, estas serão vividas na brincadeira.

Sendo assim, brincadeira é o espaço de imaginação e criatividade na infância, sendo as palavras parte integrante do brincar. Os versos, as parlendas, as cantigas de roda fazem da brincadeira como instrumento da linguagem que, por sua vez, constitui a formação do ser humano.

Tais manifestações da linguagem artística e corporal são vividas pelas crianças em ambientes de comunidade, sendo a escola este principal lugar. A educação infantil é o primeiro espaço de contato e diversidade que a criança tem contato, o explorarei na próxima seção.

EDUCAÇÃO INFANTIL

Assim que nasce a criança é inserida em uma comunidade local. Nesse espaço, há culturas e costumes únicos. Com o passar do tempo, chega à idade de ir para escola, um momento temido tanto por familiares como pela própria criança, pois sabem que nessa instituição também há uma cultura, costumes e novos desafios que se apresentam frente à diversidade desse contexto. No entanto, é nesse momento que a criança irá expandir suas experiências, conhecer novas pessoas, novos costumes e novas palavras.

Conforme a Carta Magna, a educação é um direito de todos, de acordo com o artigo 205, sendo a Educação Infantil, creche e pré-escola, assegurada às crianças de até 05 anos de idade (CF. 1988, ART. 208, INCISO IV). Na mesma direção, a lei de diretrizes e bases da educação nacional - LDBEN, em seu artigo 29, a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem por finalidade “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”(BRASIL, 1996).

A Política Nacional de Educação Infantil, criada pelo MEC em 2005, estabelece diretrizes, objetivos, metas, estratégias e recomendações para este nível da educação básica. Entre as recomendações, gostaria de destacar “a reflexão coletiva sobre a prática pedagógica, com base nos conhecimentos historicamente produzidos, tanto pelas ciências quanto pela arte e pelos movimentos sociais, norteie as propostas de formação” (BRASIL, 2005, p.27).

Assim, as leis mencionadas anteriormente nos sevem para garantir o direito a uma Educação Infantil de qualidade e acessível a todos, sendo necessário a implementação de

políticas públicas efetivas para que as crianças tenham acesso e permanência a esses espaços.

A educação infantil é a primeira fase da criança na escola e é também uns dos primeiros contatos com o mundo “fora de casa”. A brincadeira, a música, a dança, as artes e a literatura servem como ponte para ajudar a criança a compreender o mundo, a si mesma e as pessoas a sua volta.

Dessa forma, a Educação Infantil não é o local no qual as crianças são deixadas simplesmente para serem cuidadas ou assistidas. A intencionalidade desse ambiente o torna propício ao aprendizado e à criação de cultura, por parte das crianças. Esse é um e espaço em que devem ser ouvidas e respeitadas.

Além disso, essa etapa da escolarização básica deve proporcionar o ambiente de criação e criatividade necessários para uma infância saudável. Por meio da arte, da literatura, das brincadeiras, jogos, músicas, danças e tantos outros recursos, a criança acumulará experiências para suas ações posteriores, quando jovem e adulta.

Vygotski (2009) afirma: “o que a criança vê e ouve, dessa forma, são os primeiros pontos de apoio para a sua futura criação” (p.36). Tais pontos são constituídos desde o nascimento, porém é através da escola que esse sujeito terá o contato com a diversidade, com o diferente, contribuindo para a expansão da sua criatividade.

A Educação Infantil carece ser um espaço que proporcione desenvolvimento social e emocional, além de promover habilidades físicas e motoras. Proporcionar acesso à literatura também deve estar inserido nessa fase, contudo, para que isso aconteça é necessário o empenho, entre outras instâncias, de toda a comunidade escolar.

Ao inserir a Literatura no currículo infantil, a criança é beneficiada com aumento de vocabulário, contato com a língua escrita, e auxílio no processo de alfabetização e letramento. Tais benefícios não devem ser ignorados ou diminuídos, pois o processo de alfabetização e letramento são necessários para a criança compreender a língua e consequentemente a cultura. Sobre esse assunto, Ferreira e Pereira (2015) destacam que

Conceder às crianças, na Educação Infantil, a condição de ouvir e contar histórias é disponibilizar-lhes informações que, certamente, irão alimentar a imaginação e despertar o prazer pela leitura e escrita, além de oferecer oportunidade para aumentar o vocabulário oral e o nível de participação dos alunos em sala de aula, melhorando a capacidade de escutar e prestar atenção (p.54).

Por uma parte, as escolas devem garantir que as crianças possuam espaços para esse fim, como bibliotecas, promover projetos literários que realmente despertem para o apreço à literatura e estar disponíveis ao acesso de livros. Contudo, devemos ir além, pois a formação do leitor é, primeiramente, uma construção de relações com o outro, isso porque o ato de ler ou contar uma história envolve a forma primordial de comunicação: a linguagem. Não há contação de histórias sem a linguagem, seja ela por gestos, palavras, onomatopeias, demonstração de afeto ou raiva. Se uma criança presencia todos esses sentimentos e expressões através de uma ficção, terá mais ferramentas para interpretar as mesmas situações na “vida real”. A despeito desse tema, Corsino (2006) citando Bakhtin (1992) destaca que

a linguagem supõe uma situação de troca social. São sujeitos em interação que produzem enunciados concretos que, por sua vez, são determinados pelas condições reais de enunciação – a situação social mais imediata, incluindo os gestos, a entonação, vontades, afetos, ditos e não-ditos (p.30)

Além das habilidades sociais mais imediatas, como afirma Bakhtin há, também, um contexto social mais amplo, que envolve as ideologias que permeiam um determinado grupo social ou uma época. A Educação Infantil não é um espaço neutro, o brincar, as experiências e as diversas manifestações de criatividade estão dentro de um contexto maior que contribuem para a formação dessa criança como cidadão. Nesse momento escolar, as crianças expressam seu conhecimento do mundo por meio das brincadeiras e do “faz-de-conta”. Quando a literatura é real dentro de sala de aula, muitos estigmas e preconceitos podem ser problematizados e desfeitos.

A Educação Infantil é a base na formação do leitor-literário, desde muito pequena já é capaz de compreender nuances de textos e, até mesmo, inferir em partes da história. Ou seja, a criança lê a partir de suas cosmovisões de mundo, que mesmo ainda não sendo “maduras”, já estão lá. A criança pequena pode não ler as palavras, mas já é capaz de começar interpretar e compreender as relações, os diálogos e os sentimentos. O documento de Diretrizes Nacionais Curriculares (2013) afirma:

O que se pode dizer é que o trabalho com a língua escrita com crianças pequenas não pode decididamente ser uma prática mecânica desprovida de sentido e centrada na decodificação do escrito. Sua apropriação pela criança se faz no reconhecimento, compreensão e fruição da linguagem que se usa para escrever, mediada pela professora e pelo professor, fazendo-se presente em

atividades prazerosas de contato com diferentes gêneros escritos, como a leitura diária de livros pelo professor, a possibilidade da criança desde cedo manusear livros e revistas e produzir narrativas e “textos”, mesmo sem saber ler e escrever. (BRASIL, 2013, p.94)

Muitas vezes, temos a tendência de trabalhar um texto compreendendo apenas uma de suas dimensões, podendo ser a dimensão didática ou a dimensão do prazer que um texto produz, contudo, este dualismo limita as possibilidades de trabalhar integralmente o texto. É necessário explorar a gramática, mas também a imaginação, fazendo perguntas às crianças que exijam respostas diretas como, por exemplo, *quantos porquinhos construíram suas casas? Ou qual o material usado por cada porquinho?*

Tais questionamentos não influenciam no uso da imaginação, e revelam quão pobre tem sido a mente de muitos professores. Para que o professor rompa com esse ciclo de perguntas diretas e respostas rasas, é necessário saber que a formação é mais que “transmissão de conhecimentos/informações” (HECKERT, 2007) mas, sim, que “é processo de produção de subjetividade e se faz em meio a processos de luta que implicam movimentos de desterritorialização e reterritorialização.” (p.4).

Lidar com a imaginação envolve riscos, pois é necessário dispor-se a escutar. Quando o professor leva as crianças na Educação Infantil a uma discussão/reflexão, pode agir de dois modos, de acordo com Heckert (2007), primeiro, escutando a discussão, mas não estando presente, sendo que esta é a escuta surda. “Uma escuta surda se constitui quando no lugar de indagar as evidências que nos constituem como sujeitos, nos deixamos conduzir por estas, reificando-as” (p. 5). Uma escuta com um objetivo moralizante, com um discurso “neutro”. Esse tipo de discurso tende a deixar de lado questões sensíveis em nome de uma cientificação.

Em contrapartida, temos a escuta sensível, que vê em tais temáticas a oportunidade de um real crescimento do ser humano. Heckert (2007) ainda realça que

Ensinar-cuidar-escutar são práticas que criam mundos, produzem realidades e, portanto, convocam a uma análise permanente das implicações com as instituições que as atravessam. Com isso, estamos falando que as práticas de cuidado, os modos de escuta, são engendrados num campo de relações de saber e poder que precisamos colocar em análise permanentemente. Não se trataria, então, de evitar preconceitos, naturalizações, mas de colocá-los em discussão. O que é privilegiado no processo de escuta, o que é desprezado, silenciado ou acolhido, diz respeito às implicações e aos encontros que se efetuem entre os sujeitos em questão (HECKERT, 2007, p.6)

Escuta sensível gera um aluno sensível a escutar o diferente, as novas culturas e as diversas formas de expressão. Narrar e escutar são as formas que o adulto acessa a imaginação das crianças. A narrativa é a “clareira no bosque” (GIRARDELLO, 2011) e a escuta é o caminho para uma verdadeira construção do ser humano. A atitude do adulto influencia em relação à imaginação da criança, o papel de mediar, contar uma história, expressar-se em suas brincadeiras, lembrando, sempre, que esta é uma atividade natural as crianças. Girardello (2011) afirma:

Singer e Singer observam que as habilidades necessárias para a atividade do faz de conta podem ser estimuladas pela intervenção adulta, devendo, no entanto, haver um equilíbrio entre a estruturação das atividades pelo adulto e a possibilidade de que as crianças possam brincar sozinhas, livres de supervisão: “O faz-de-conta emerge naturalmente como parte do desenvolvimento da criança pequena, mas seu florescimento é encorajado quando os pais e outros adultos contam histórias, lêem em voz alta ou interagem ludicamente com as crianças” (GIRARDELLO, 2011, p.81).

Precisamos lembrar que é através da narrativa de um adulto que os pequenos terão contato com as histórias. Vygotski (2009) afirma: “ensinar a língua, é a principal arte do professor” diz Tolstói e, em função desse objetivo, o principal exercício para orientar as crianças nas composições estão na apresentação de temas” (p.65). Dessa forma, uma prática educacional com experiências mais criativas e efetivas devem envolver o próximo tópico deste estudo: a literatura.

LITERATURA

A literatura é necessária para a vida humana. Nós precisamos ler. Ler bons livros. Ler livros clássicos do passado. Ler livros atuais. A leitura deve estar presente desde os primeiros dias de vida e, com o passar do tempo, deve ser intensificada, até que a pessoa possa ler por si só, ler por prazer.

A literatura é um dos meios que torna possível o conhecimento de outras culturas e povos, costumes e rituais. Além disso, é por meio dela que o homem olha para si mesmo, e se vê como sujeito subjetivo, cheio de nuances, pensamentos, emoções que antes não era capaz de descrever, mas, por meio de um simples personagem, toda essa subjetividade pode ser revelada.

Ao nascer, a criança também está sendo inserida em um meio cultural, sendo assim, é constituída de novos saberes e aprendizados à medida que entra em contato com a linguagem. Tudo isso contribuirá para a criação imaginativa do sujeito. Vygotski (2009) afirma “o que a

criança vê e ouve, dessa forma são os primeiros pontos de apoio para sua futura criação. Ela acumula material com base no qual, posteriormente, será construída sua fantasia” (p.36).

Na infância, a literatura possui diversas funções, mas o enriquecimento da imaginação é considerado o ponto principal para as crianças. “A necessidade de histórias tem sido identificada como um aspecto central na vida imaginativa das crianças. As histórias permitem um exercício constante da imaginação em seu aspecto mais visual” (GIRADERLLO, 2011, p. 82).

O contato com a literatura, as artes plásticas, teatro e a música enriquecem as experiências, potencializando a capacidade de imaginar. Vygotski (2009) dizia que a imaginação depende da experiência. Esta, por sua vez, acontece de forma gradativa (p.43). Logo, podemos chegar à conclusão de que a Infância é a primeira fase de aquisição das experiências.

Para Reis (2020), “a leitura é o principal mecanismo para a apropriação do conhecimento e perpetuação da cultura” (p.1). Dessa maneira, podemos afirmar que a literatura é a forma mais primária de arte, não no sentido de algo ultrapassado, mas de ser o primeiro contato com a arte.

O artigo 216 de nossa Constituição Federal concerne ao patrimônio cultural brasileiro:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de **natureza material e imaterial**, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - As formas de expressão;

II - Os modos de criar, fazer e viver;

III - As criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - **As obras**, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1989, grifo meu)

Dessa maneira, a literatura constitui-se como um direito humano. Cada brasileiro deve ter acesso às produções artísticas do seu país. “Assumir a literatura como direito humano é também assumir o papel importante que as instituições educativas devem ter no processo de imersão das crianças na cultura” (MICARELLO; BAPTISTA, 2018, p. 171).

As obras literárias são expressas de natureza material e imaterial. “É imaterial quando o sujeito lê uma obra literária, de maneira subjetiva, em que há interação entre a obra e o leitor. Quando o livro literário assume sua materialidade e se torna um objeto de consumo, a literatura é um bem material, por ser concreta e palpável” (REIS, 2020, p.4).

Contudo, não devemos traduzir essas características de forma dual, nomeando algumas obras de natureza material e outras de natureza imaterial mas, sim, em uma única obra artística

existirá uma face material e imaterial, ou seja, o sentido que a obra tem para o sujeito que a aprecia não se descola da obra em si enquanto objeto de apreciação.

A literatura é uma arte que está ligada a todas as demais manifestações artísticas, seja na música, nas pinturas, esculturas, teatro, entre outras, todas elas possuem arte literária. O leitor, para compreender melhor uma determinada obra precisa buscar conhecer o contexto cultural em que foi escrita.

A Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003 (Lei da Política Nacional do Livro), afirma, em seu Art.1º, inciso II, que “o livro é o meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida” (BRASIL,2003).

Dessa forma, a literatura deve estar presente desde os primeiros dias de vida, pois é uma das formas da linguagem. Ao nascer, a criança é inserida em um meio biológico, porém este mesmo ambiente é social. É por meio da linguagem que temos contato com a cultura de nosso meio, além disso, também produzimos cultura com o mundo a nossa volta.

“O acesso ao universo da significação implica, necessariamente, a apropriação dos meios de acesso a esse universo, ou seja, dos sistemas semióticos criados pelos homens ao longo da sua história, principalmente a linguagem, sob as suas várias formas” (PINO, 2005, p. 59). Nesse sentido, o contato da criança com os livros não deve ter como finalidade o acesso ao objeto livro, mas, sim, aos significados que produzem e serão produzidos através de uma obra literária. O leitor-literário não é somente leitor, mas construtor de significados únicos para sua maneira de ver o mundo.

A imaginação possibilita a exploração de qualquer universo, planeta, país, reinos da natureza, é o momento em que o homem tem a “capacidade de pensar nas coisas como elas poderiam ser” (MICARRELO, 2011, p.86). Infelizmente, muitos veem a imaginação como um exercício puramente infantil, porém os grandes avanços da humanidade se deram, e ainda acontecem, a partir de adultos que possuem uma grande capacidade imaginativa e criativa.

Na Educação Infantil, desde os berçários repletos de bebês, enfatiza-se a importância das histórias para que a criança tenha mais contato com a realidade de um mundo regido pelas letras, o que acaba auxiliando-a no processo de alfabetização e letramento. Contudo, infelizmente, temos reduzido o texto literário além de ser um recurso riquíssimo para as aulas, pois é a forma concreta de se presenciar a língua escrita, a literatura é também um texto poético

voltado para o deleite do leitor, sendo assim devemos explorar as dimensões emotivas e imaginativas do texto.

A literatura é uma arte e como uma forma linguagem sua função não se restringe a uma ferramenta de aprendizagem, mas contribui para a constituição do sujeito. A essa ênfase na instrumentalização, Vygotski descreve sendo um movimento de “pedagogização da experiência literária”. Micarello e Baptista (2018) esclarecem esta crítica.

Esse tipo de “pedagogização” da experiência literária, segundo o autor, provoca um distanciamento das crianças em relação à literatura e um “amortecimento sistemático do sentimento estético, sua substituição por um momento moral estranho à estética [...]” (p.328). Para Vigotski, uma educação estética por meio da literatura se daria à medida que, na condição de arte, a literatura permite a aquisição de novas formas de lidar com a realidade, de criar novos arranjos para os elementos da realidade externa, de modo a atender às necessidades internas dos sujeitos (p.172)

Infelizmente, a literatura tem sido vista ora como recurso didático ora como ferramenta moral, criando muitas vezes, um dualismo indissociável para os professores. Nesse caso, tais fazem sempre a mesma reflexão da história: “*qual a moral da história?*”. Contudo não deve ser dessa forma, as facetas de um texto podem e devem ser exploradas, não valorizando mais uma e deixando a outra, mas procurando estabelecer pontes entre as discussões. O adulto deve ter o papel de mediador do texto, aquele que irá possibilitar o fluir da imaginação, não sua alienação. Sobre isso Micarello e Baptista (2018) apontam:

a literatura, ao ser tomada como meio para ensinar conteúdo ou sedimentar comportamentos e valores morais considerados adequados, recebe um tratamento pragmático e é, assim, destituída de sua dimensão discursiva e estética. Como consequência, os textos literários são apresentados às crianças de forma empobrecida (p.175)

Para promover uma educação literária de qualidade, os professores devem estar atentos desde o momento de escolha dos livros à narração. Optar por obras de qualidade estética e abundância de vocabulário proporcionaram tanto para os docentes como para os alunos um envolvimento maior com a obra, além de fomentar a imaginação e criação.

Essa mediação torna-se ainda mais necessária na Educação Infantil, tempo para as crianças ainda estão aprendendo a língua materna. O professor é o narrador, a forma como fala, a entonação, as expressões faciais e gestos são extremamente necessários na contação de histórias. O professor é o primeiro a usar a imaginação neste processo.

Dessa forma, é perceptível que a formação de um leitor não está somente em seu interesse pessoal, a criança que está inserida em um ambiente literário adequado, seja em casa ou na escola, terá um maior interesse a leitura como uma forma de se apropriar do mundo em que vive.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Compreender, a partir de estudos teóricos, a formação do leitor literário na Educação Infantil, buscando a relação entre a Infância, Educação Infantil e Literatura.

ALGUMAS REFLEXÕES

A Infância, a Educação Infantil e a Literatura são grandes campos do conhecimento, além do que foi estudado e explorado, podem ser vistos através de diversas facetas e temas. Contudo, agora discutiremos como esta trilogia contribui para a formação do leitor-literário na Educação Infantil.

Primeiramente, é importante entender o que é o leitor-literário. Reis (2020) afirma “consideramos leitor literário aquele que lê textos literários e leitor não literário, quem pratica a leitura somente de textos não literários” (p.6).

O papel da escola está além de formar cidadãos para o mundo do trabalho e experiências do dia-a-dia, a exposição a textos literários expande o repertório cultural e individual de uma pessoa. Sendo assim, a escola deve formar seres independentes e livres pensadores. Sobre esse assunto, Yunes (2002) declara que

Ao contrário, a maioria que egressa da escolaridade mínima que obtém, sem o livro e a leitura (o manual de textos e gramática é quase sempre um livro eunuco) vai servir como trabalhador braçal, que só assina o nome, não entende instruções e dá prejuízos aos donos do capital que, aliás, apenas com isto se comovem. Mas nem assim aprendem que só o investimento em recursos humanos – leia-se formação de leitores – pode garantir um processo continuado de riquezas sociais e qualidade de vida, para o crescimento de um mercado consumidor independente. (, p. 22)

Como já vimos, a literatura é de suma importância, pois é a forma como o ser humano comunica, expressa, diverge e concorda de forma poética. A distopia de George Orwell, 1984, nos mostra as consequências de uma sociedade na qual a literatura é banida, sendo a linguagem a forma primária de controle e manipulação de uma sociedade.

Focando nosso olhar sobre a Educação Infantil, percebemos que o acesso à literatura se restringe ao momento de contação de histórias pelo professor. Contudo, a criança não é passiva ao que lhe é narrado. Vygotski (2010) afirma que a vivência com as fábulas serve como organizadoras da emoção, ou seja,

Sucedem que, no processo de interação entre o organismo e o mundo ao qual se reduzem, em última instância, todo o comportamento e a psique - a criança está na etapa mais frágil e menos estruturada e, para isso, ela sente uma necessidade particularmente aguda de algumas formas organizadoras da emoção. De outro modo, a enorme quantidade de impressões que agem sobre a criança e que ela não consegue dominar a deixariam aterrorizada e provocariam a perturbação de sua psique. Nesse sentido, corresponde às histórias inteligentes dar um significado saudável e higiênico a estrutura da vida emocional da criança (p.242).

Logo, para formar um leitor-literário é necessário, primeiramente, garantir-lhe acesso à literatura. Na educação Infantil, poesias, poemas, rimas, fábulas, contos, são o ponto inicial na formação desse aluno. Quando um professor narra uma história, vai além do reconto, mas tem a possibilidade de gerar emoções, como alegria, raiva, medo, bem-estar. Tais sentimentos não podem ser renegados, mas são o início para compreender uma obra literária. Isso porque esse tipo de escrita pressupõe que o autor deseja ir além da mera informação, mas propiciar sentimentos e emoções através de sua escrita.

É na imaginação que a criança encontra sua liberdade, transcende o presente e pode viajar para qualquer lugar da galáxia. Por exemplo, uma criança que tem contato, seja através da narração por um adulto, ou quando já lê sozinha, com as *Crônicas de Nárnia* de Cs. Lewis é transportada para Cair Paravel, as que leem *Aladdin* estão no Oriente Médio. Logo, a literatura é o local onde a imaginação é cultivada. O profundo contato com a literatura permite que a imaginação seja desenvolvida.

Além do acesso aos livros, a formação do leitor-literário na Educação Infantil também está ligada ao momento de ócio. Muitas vezes o professor ou responsável incomoda-se com a atitude ociosa das crianças, tendo-a como preguiça. Contudo, são em momentos como este que a criança está pondo em prática sua imaginação. Girardello (2011) afirma:

Nem sempre a criança que se mostra momentaneamente parada, com o olhar fixo e aparentemente vago, precisa naquele instante da interferência automática do adulto para que faça alguma coisa, para que se envolva com os colegas ou com alguma outra proposta em andamento na sala. Às vezes, ela pode estar em plena elaboração imaginária, vivenciando o devaneio, que é parte fundamental de sua vida subjetiva (p.78).

E, por fim, gostaria de destacar a necessidade de imersão com a experiência da arte como necessária para a formação do Leitor-literário na Educação Infantil. A Literatura é uma manifestação artística e, muitas vezes, limitamos o repertório literário a exemplares como *Os três Porquinhos* ou *Chapeuzinho Vermelho*, que possuem um objetivo moralizante. A vivência estética vai além da moral, mas busca contemplar o que é belo e verdadeiro.

Esta é só a primeira etapa na formação de um leitor-literário. A jornada escolar deve proporcionar as experiências necessárias para que o hábito da leitura literária se perdure por toda a vida, sendo a imaginação o combustível para essa jornada. Segundo Girardello (2011), “A imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível,

quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto — comove-se — com o novo que ela vê por todo o lado no mundo.” (p.76)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender, a partir de estudos teóricos, a formação do leitor literário na Educação Infantil, buscando a relação entre a Infância, Educação Infantil e Literatura. Como professores, estamos sujeitos a encarar esse tipo de atividade como unicamente um recurso didático, contudo, vemos que o contato com a literatura expande os horizontes culturais e pessoais de um indivíduo, além de ser a forma poética como o ser humano se comunica.

As Infâncias foram o ponto de partida para entender a construção do leitor-literário, quando uma criança possui o contato com as histórias de outras culturas e povos isto é vivido em suas brincadeiras, logo terá experiências para além da sua realidade, portanto, conhecerá outras formas de brincar e se comunicar.

A Educação Infantil é o espaço onde tais experiências são vividas, onde a imaginação e a criatividade podem ser incentivadas. Além disso, é o local de acesso à literatura, visto que muitas crianças não têm a oportunidade de ler livros em suas casas.

A literatura é o combustível para toda nossa reflexão, não se trata apenas de histórias para entreter ou divertir as crianças, mas a oportunidade de comunicar com beleza e poesia, de cultivar o imaginário e a criação, de romper com as leituras meramente informativas para criar narrativas que realmente façam as crianças refletirem e pensarem como cidadãos que estão conquistando sua independência ao longo desta jornada. E o leitor-literário é o produto da combinação destes três itens. A criança que tem contato com literatura, em um espaço saudável e pode dividir tais experiências com seus pares, irá apreciar a cada dia mais as histórias e narrativas.

Vygotski (2009), Gilka Girardello (2011), Baptista (2018), estão entre os principais pensadores do campo, no qual, humildemente, me apoiei em seus ideais e reflexões.

Pretendo utilizar este estudo durante toda minha trajetória como professora, me dedicando a entender mais este processo e quais são suas influências sobre a vida das crianças, sendo desafiada a não o levar como somente didático, mas como essencial para a formação integral do ser humano.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012
- BAPTISTA, H. M. E. M. C. **Literatura na educação infantil: pesquisa e formação docente**. Educ. em Revista, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 169-186, nov-dez 2018.
- BORBA, Angela Mayer. **A brincadeira como experiência da cultura**. In: O Cotidiano na Educação Infantil. Revista Salto para o futuro. Boletim 23. P. 46-54. novembro de 2006.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 30/ mar /2021.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 30/ mar /2021.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990
- BRASIL. Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003. **Política Nacional do Livro**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.753.htm. Acesso em 24 abr 2021
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. p. 94.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação**. Brasília: MEC, SEB, 2005.
- CORSARO, William A. **A reprodução interpretativa no brincar ao faz de conta das crianças**. Educação, Sociedade & Culturas, n. 17, p. 113-134, 2002.
- CORSARO, William A. **Culturas de pares de crianças e reprodução interpretativa**. In Sociologia da Infância. Trad. Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011, cap.6.
- CORSINO, Patrícia. **Linguagem na Educação Infantil: brincadeiras com as palavras e palavras com as brincadeiras**. In; O cotidiano na Educação Infantil, 28-45. 2006.
- FERREIRA, Waldimir Assis Freitas; PEREIRA, Reny Fátima Assis; **A Contribuição da Literatura na Educação Infantil**. Faculdade Anhanguera de São José, Pós-Graduação Lato Sensu em Metodologia do Ensino a Distância, SP, Brasil. 2015.
- GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação: arte e ciência na infância**. Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago. 2011.
- HECKERT, Ana Lucia C. **Escuta como cuidado: o que se passa nos processos de formação e de escuta?** In: Razões públicas para a integralidade em saúde: o cuidado como valor / Roseni

Pinheiro e Ruben Araújo de Mattos, organizadores. – Rio de Janeiro: IMS/UERJ: CEPESC: ABRASCO, 2007.

Pino, Angel. As **marcas do humano** : às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. – Cortez. São Paulo, 2005.

REIS, Marynalva Silva Abreu. **A importância da formação do leitor literário para o aumento do número de consumidores culturais**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 03, Vol. 12, pp. 16-32. Março de 2020.

SILVA, Maria. **O nascimento da arte**. 5. Ed. São Paulo: Vozes, 1999.

VIGOTSKI, L. S.. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. Disponível em: <https://atividart.files.wordpress.com/2016/05/a-brincadeira-e-seu-papel-no-desenvolvimento-psiquico-da-crianc3a7a.pdf> Acesso: 12 de abril de 2021. Acesso: 14 Abril 2021.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

YUNES, E. **O livro e as mídias**: problematizações. Boletim Técnico Do Senac, 28(3), 30-37. 2002